

INTERVENÇÃO INAUGURAL DO CAMARADA SECRETÁRIO-GERAL

Camarada Presidente do CNCV,

Camaradas dirigentes e responsáveis do Partido,

O momento que vivemos na nossa terra é de muita acção e não de conversas, mas evidentemente isto não quer dizer que deixemos de falar uns com os outros, deixemos de discutir os nossos problemas. Temos que o fazer, de maneira concisa, objectiva e construtiva.

Por isso, quero aproveitar esta ocasião para dirigir algumas palavras ao órgão máximo do PAIGC, a nível nacional, em Cabo Verde, enfim ter uma pequena conversa, em particular com os nos responsáveis que trabalham fora de São Tiago, com quem normalmente os nossos contactos são mais raros.

Esta conversa limitar-se-á apenas a algumas considerações de ordem geral e informativa, que espero possam ajudar ao bom desenrolar dos vossos trabalhos que, estou absolutamente seguro, vão decorrer dentro do espírito de sempre do PAIGC, visto estarem entregues em boas mãos.

Mas antes de prosseguir, queria pedir a todos os presentes que guardássemos um minuto de silêncio em memória do grande dirigente que foi o nosso querido camarada, Chico Mendes, a última grande perda trágica que sofreu a direcção superior do nosso Partido, perda de que devemos tirar todas as lições, como por certo, vai ser feito nesta reunião do CNCV.

Tendo cessado a necessidade que eu tinha de participar nas reuniões da antiga Comissão Nacional, agora Conselho Nacional de Cabo Verde do PAIGC, quero aqui salientar quanto prazer sem pre senti em participar em todas as reuniões desse organismo do nosso grande Partido. Quando não aprendi com os elementos que o constituem!...

Lembro-me muito bem da nossa reunião de Fevereiro de 1975, em

que tantos dos elementos que cá estão hoje, nos mais altos cargos do país, lá estavam também. Nunca nos tínhamos visto, mas algo nos unia: o amor da nossa terra, a vontade de nos libertarmos e reconquistar definitivamente a nossa dignidade de Homens.

Quantos desencontros havia nas nossas ideias: uns calejados nos longos anos de luta aberta e armada contra o inimigo, outros concentrados sobre si mesmos, devido a uma luta estritamente clandestina, extremamente limitada pelos cuidados contra a criminosa PIDE, desconfiados de tudo e de todos, e com uma visão global do mundo normalmente restringida pelo isolamento provocado pelo terrível sistema colonial-fascista.

Houve fricções, houve mesmo choques, conflitos - mas prevaleceram os interesses nacionais, os interesses do nosso povo e do nosso grande Partido, que é o seu guia.

Tenho imensa satisfação em ter participado nessa luta, talvez a mais dura que é a que se trava entre aqueles que a História quis que num dado momento estivessem à frente dos destinos do seu país: quero referir-me à luta para a existência e manutenção da tolerância e compreensão mútuas, para o estabelecimento de relações de verdadeira camaradagem, fundados em sentimentos de verdadeiro amor de uns pelos outros, que são a grande força de direcção de um povo ou de um Partido. Esses sentimentos não são espontâneos, são conscientemente cultivados, e todo o bom militante quanto mais um dirigente, tem a obrigação de cumprir este dever sagrado que é o de amar o seu companheiro, o seu camarada, o seu colega de direcção. São com esses sentimentos se pode forjar a amizade, a solidariedade, a fraternidade, a confiança sem limites - factores indispensáveis para uma direcção coesa e consequentemente para a obtenção da vitória em tudo o que tivermos de empreender, particularmente nesta nova fase da luta pela reconstrução nacional.

Não posso dizer que tenhamos atingido o estágio ideal, mas não há dúvida que hoje quase quatro anos após a histórica reunião de 1975, há uma grande diferença entre o grupo que se reuniu em Fevereiro de 1975, e o que agora está aqui nesta sala.

Sente-se a crescer a consciência do verdadeiro militante do PAIGC, a consciência de que pertencemos a uma única grande família, uma família unida, cada vez mais unida, com um só objectivo.

vo: Edificar a nossa terra em bases económicas seguras, para um futuro de progresso e verdadeira felicidade.

O segredo do PAIGC é que os homens que desde o começo o constituíram deram-se totalmente aos seus princípios e objectivos e em certos casos deram, até a própria vida, como é o caso do nosso imortal militante Nô Amílcar Cabral. Nós outros que por acaso ficamos, continuamos com o mesmo espírito, em total disponibilidade. O que interessa não é nem os cargos de que fomos incumbidos, nem o período mais ou menos longo da nossa existência física. O que interessa é o valor do que cada um vai fazendo em cada dia e em cada momento, não olhando a esforços nem a sacrifícios.

No entanto, não somos doidos: Com plena consciência das grandes responsabilidades que tomamos todos diante do nosso povo, sabemos perfeitamente que, com todas as carências inerentes à nossa situação de país desgraçado (podemos dizê-lo cá entre nós) e subdesenvolvido, temos um sério compromisso com o nosso povo, e devemos preservar a nossa saúde e a nossa Segurança, de modo a poder levar até o limite máximo das nossas forças o cumprimento daquilo que prometemos e que está perfeitamente ao nosso alcance realizar para o nosso bravo e valoroso povo das nossas queridas ilhas.

Como em todas as lutas, uns irão até ao fim, outros vão ficando pelo caminho, pelos mais diversos motivos: uns por limitações várias, outros por não terem compreendido convenientemente os objectivos do nosso Partido, outros por fadiga, enfim por todas as razões e mais algumas: é essa a regra a que não podemos fugir. Mas o nosso caminho será sempre para mais e maiores vitórias.

Após três anos e meio de independência, que devemos justamente classificar de heróicos, porque o que conseguiram o nosso Partido e Governo neste curto período são parece milagre. Mas não é milagre nenhum: É obra dos homens do PAIGC, e devemos render homenagem sincera e merecida à acção do nosso Governo e particularmente do seu Chefe. Chefe que tem confirmado as provas dadas na dura luta armada de libertação, especialmente de extraordinário equilíbrio, qualidade, que na opinião do camarada CABRAL, é o "sine qua non" de um verdadeiro dirigente.

Pois, pode-se ser inteligente, brilhante, bem intencionado, ter alta preparação literária e técnica, mas sem equilíbrio, sem o senso humano das realidades, pode-se ser um dirigente, mas não um bom dirigente.

Ora o nosso Chefe do Governo - o camarada Pedro Pires sempre demonstrou ter esse equilíbrio, e agora o vem confirmando a cada dia, pelo que estamos contentes com isso e o encorajamos com a sua equipa a prosseguir, na devoção total ao trabalho e na prática da política justa e equilibrada, preconizada pelo nosso Partido, ao serviço do nosso povo e da África.

Nestes três anos e meio, vivemos das nossas melhores experiências, ao participar nas reuniões do CNCV. Tivemos oportunidade de conhecer a fundo os problemas da nossa terra, de que andávamos afastados havia cerca de 20 anos.

Tivemos oportunidade de seguir o comportamento dos diferentes responsáveis e melhor avaliar os problemas ao nível da direcção nacional.

Hoje, podemos deixar tranquilamente funcionar o CNCV, sob a direcção do seu Presidente, já que possuímos os conhecimentos de base indispensáveis, assim como o conhecimento também indispensável dos diversos elementos que o constituem.

Pensamos que tudo o de positivo que conseguimos neste curto lapso de tempo, foi graças a muito rigor e disciplina. Rigor conosco mesmos e com os nossos companheiros. Rigor no cumprimento dos princípios e Estatutos do nosso Partido; Rigor no nosso comportamento individual e militante.

Portanto, realizando-se esta reunião num momento em que to dos os esforços têm que ser feitos para o aperfeiçoamento dos métodos de trabalho do Partido, para levar para a frente o cumprimento do seu Programa e das decisões do III Congresso, pensamos que, à imagem do que decidimos na última reunião do CEL, aqui na Praia, os trabalhos desta reunião deverão realizar-se no âmbito habitual de entusiasmo, fraternidade e solidariedade militante, mas também e principalmente, num espírito alto de crítica, rigor e disciplina.

Para além disso, parece-nos indispensável começarmos a estabelecer tarefas, objectivos a atingir no tempo. Por exemplo estabelecer as tarefas a atingir em 1979, não só a nível do Partido, mas ainda no que se refere à Juventude, em particular, aos Sindicatos e organização de Mulheres. Mesmo que acaso esses objectivos não cheguem a ser atingidos devido às nossas carências de toda a ordem, mas é preciso começar a trabalhar de maneira metódica e mais organizada. Ponto final a improvisões.

Em nossa opinião, esta reunião deveria desenrolar-se sob um signo - o signo da responsabilidade, do entusiasmo revolucionário, da irmandade, da verdadeira camaradagem fundada no amor profundo ao nosso Partido e ao nosso Povo, mas ainda no de rigor e exigência, para que, como dizia CABRAL: o PAIGC se ja cada dia mais Partido, cada dia mais a vanguarda invencível do nosso povo, na sua marcha irreversível para o progresso, paz e felicidade.

Bom trabalho camaradas.